

Estou a ler a Fundação de Isaac Asimov...

Estou no princípio ainda; mas já bem agarradinho...

E não venho aqui fazer qualquer tipo de crítica literária; nem ao livro, nem ao autor...

O que me traz aqui foi uma constatação que fiz, ontem à noite, enquanto lia este livro; quando percebi uma estranha coincidência sobre este livro, e este autor, e até sobre outros livros e outros autores.

Há coisas que me espantam nos meus colegas escritores. Algumas vezes são as técnicas que usam, outras vezes a coragem a que ousam para uma determinada abordagem... Como exemplo, recordo, agora, o livro «O Bom Inverno» - de João Tordo - e o espanto que me tomou quando tomei consciência, ao acabá-lo, que nunca, em momento algum, se sabe o nome do personagem principal... Era preciso?

Não...

Mas alguém pensa escrever um livro sem dar um nome ao personagem principal?

Não...

Bom; o João Tordo acho que podia, fê-lo e correu bem...

São este tipo de coisas... Estão a ver?

Às vezes, diz-se que os escritores - nomeadamente os de ficção - complicam as coisas, arrastam-se por páginas quando podiam resumir tudo... Bom; a quem pensa assim, tenho duas coisas a dizer: se não gostam de ler ficção, fiquem-se pelos ensaios e revistas especializadas; e que se nós - os escritores - vos fossemos dar ouvidos, acabava-se a ficção. É que quase todos os grandes livros - e refiro-me a grandes em dimensão, também - conseguem-se condensar em muito menos páginas; por duas razões simples: a primeira, porque os dramas sobre os quais se escreve são sempre os mesmos, e conseguem-se resumir em três linhas - talvez; e a segunda, porque toda a história, sobre a qual se escreve, começa - talvez - numa formulação de três linhas também...

Mas é a partir daquelas três linhas que o escritor desenvolve a sua narrativa, conta aquilo que quer contar, aborda as temáticas que sente ter de abordar, desenvolve a sua magia...

Quando se quer que o escritor seja sintético no que escreve, é o mesmo que querer transformar um livro numa cerveja sem álcool; está lá tudo, menos aquilo que a torna especial, que a define enquanto cerveja... E - sejamos sinceros - um livro é muito mais do que a história principal que se resume; um livro tem o enredo, os sub-enredos - às vezes, os sub-sub-enredos - e os segredos dos personagens e, sempre que o resumimos - ou tentamos -, parece-nos sempre incompleto... Não é assim?

Mas não era sobre isso que eu queria falar. Era sobre a minha constatação...

Qual é que era mesmo?

Ah!

Não... Acho que se me passou...

Imagem de [Kai Reschke](#) por [Pixabay](#)